

# O VELHO SENHOR DO FIM DA RUA

WALDEN CARVALHO

quando passava pela rua, as crianças entravam. não que fôsse muito feio. não que fôsse mau, que nenhum mal tinha feito para quem quer que fôsse. era um velho que morava numa casa ao fim da rua. ninguém jamais havia entrado na casa, a não ser o velho. ah, haviam as borboletas. não se sabia quantas eram. alguns milhares. a impressão que se tinha, é que cada vez aumentava mais o seu número. quando o velho aparecia, vinha sempre uma nuvem de borboletas atrás. chegavam a fazer sombra. a casa era pequena. na última chuva de margaridas, chegou a ficar soterrada. ah, e além das borboletas, havia os esquilos. muitos e ninguém sabe quantos eram. alguns milhares. brancos e silenciosos. as borboletas eram vermelhas e silenciosas. o velho, os esquilos e as borboletas, passavam tôda manhã ao lado da estrada de ferro e se perdiam onde a estrada se perdia. coisas inseparáveis, as borboletas, os esquilos, o velho e a estrada. os trens já não passavam pela estrada. já não havia trens. depois que inventaram o desintegrador/integrador, não havia mais necessidade de trens. as pessoas se desfaziam e refaziam onde bem entendessem.

— quase que só o velho...

— é, quase que só.

— só!

sô miranda tirou o cachimbo da bôca, bateu no braço e deu uma cuspidada grossa e amarelada na parede.

— a última vez que o trem passou foi em 28...

— 32, miranda.

— por quê 32?

— foi logo depois que atropelaram o siqueira...

— é, parece que foi em 32... a última vez que o trem passou foi em 32. ficamos eu e o mello conversando alí debaixo da mangueira do beltrão a manhã inteira. a gente estava lembrando um punhado de casos dessa estrada, não é mello?

— hum! — passou a mão pela nuca e olhou pro alto. ficou olhando um tempo bom, depois disse: êsse velho que mora aí, sempre passou pela estrada, e já era dêsse jeito. coisa que eu não entendo. nunca vi ninguém puxando prosa com êle. sempre quieto... o beltrão me disse uma vez, que êle já foi casado e que a mulher dêle morreu atropelada pra lá da ponte dos nogueiras. você sabe como o beltrão é, não é?

foi um silêncio. sô miranda enchia de nôvo o cachimbo. esticou as pernas pro sol. sô mello tirou a boina azul, enfiou num dos joelhos e quietou. o sino começava a bater seis horas. na quarta pancada êle apontou na estrada de ferro. sô miranda deu um pulo do banquinho. sô mello cerrou as sombrancelhas e falou pelo canto da bôca:

— miranda, chama lá o beltrão. desde 17, quando vim pra cá, é a primeira vez que eu vejo êle chegar numa horas dessas. começavam a cair os primeiros girassóis quando beltrão chegou. êle já estava passando. e passaram as borboletas, e passaram os esquilos. quando entraram na casa, os girassóis começaram a cair mais e mais... de repente a casa começou a subir por entre a chuva. no comêço, devagar e depois mais depressa, bem depressa... os girassóis acabaram por soterrar a cidade. as pessoas das outras cidades, quando souberam que ali chovia girassóis e margaridas, ficaram muito espantadas. as crianças começaram a sair à rua mais vêzes e não sentiram muito

a ausência dêles: do velho, das borboletas, dos esquilos. logo, as crianças cresceram e arranjam namoradas bonitas que moravam por perto, mas que, antigamente, também não saiam à rua. não choveu mais flôres. os papos na casa do sô mello continuaram, até que seu beltrão morreu. então, o sô mello morreu, e o sô miranda morreu. se algum dia aparecesse alguém dizendo que em uma cidade qualquer chovia flôres e havia um velho com milhares de borboletas e esquilos, os moços da cidade não acreditariam, e as coisas tôdas foram morrendo, como morrem tôdas as coisas, em tôdas as cidades, em tôdas as pessoas.